



## **Que clique é esse? Um estudo comparativo entre o correio eletrônico e o correio tradicional<sup>1</sup>**

Roberta Mendes Santos<sup>2</sup>

Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT História da Midiologia, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).  
Jornalista e professora no curso de Comunicação Social da UNIPAC - Barbacena-MG.  
E-mail: ro\_jornalista@yahoo.com.br



**Resumo:** O presente artigo trata das mudanças nas formas de comunicação interpessoal ao comparar o processo de transmissão e recepção de mensagens entre o correio tradicional e o correio eletrônico. O estudo busca conhecer os sistemas de correio – desde a Antigüidade – o papel que desempenhou no período anterior a era da Internet, a linguagem e o estilo utilizado, para pensar a natureza comunicacional das cartas e dos e-mails.

**Palavras-chave:** Internet; e-mail; correio; carta; comunicação interpessoal

O futuro, às vezes, traz surpresas positivas – lembrem-se do monstro gigantesco que a ficção dos anos 60 chamava de computador, hoje, come literalmente, na “palma da nossa mão”. Lembrem ainda da carta de Pero Vaz de Caminha, nada comparado a praticidade do e-mail!

Na Antigüidade, o correio integrou vários impérios. Encontramos eficientes sistemas de correspondência entre os egípcios, chinês, persas e romanos que sempre se preocuparam com meios de comunicação. (O que diriam esses povos, hoje, diante da predominância das caixas postais eletrônicas? Aliás, o correio operava, naquela época, à velocidade de um cavalo - que foi a maior de que os homens dispuseram até o início do século XIX).

Cabe assinalar que a coluna “As últimas do caderno informática do Jornal O Globo”, de 26 de dezembro de 1996, noticiava que 500 milhões de mensagens de correio eletrônico circulavam por dia na Internet. Um número que com a difusão e a popularização da rede internacional de computadores aumenta progressivamente. Outro dado aparece como fundamental para o nosso estudo: de acordo com uma pesquisa realizada em 17 países pela empresa Symantec, 2% das pessoas entram em pânico quando não têm acesso ao e-mail. Os resultados também mostram que em 2005, o volume de e-mails nas empresas aumentou 200%. Alguns funcionários chegam a enviar 350 e a receber 450 mensagens por dia. Metade dos 1700 funcionários ouvidos na Europa, África e Oriente Médio gasta 2 horas diárias só no entra e sai da caixa de correio eletrônico. Essas demonstrações, entre muitas outras possíveis, podem ser evocadas para dizer que, efetivamente, a Internet inaugurou um novo intercâmbio de mensagens através do correio eletrônico.

Todavia, antes de deter e aprofundar nesta reflexão, torna-se preciso, fazer um retrocesso, embora de forma simplista, da busca do ser humano em superar barreiras na comunicação. A partir dessa noção, podemos conectar os sistemas de correio tradicional



ao correio eletrônico e desse modo, pensar as mudanças no processo de transmissão e recepção de mensagens entre as cartas e os e-mails. A troca de mensagens nos remete ao atributo do tradicional correio que aqui entendemos, na definição de Antônio Costella como “a linha regular de troca de informações” (2002, p.61), ou de acordo com o Aurélio Ferreira “como serviço público que recebe e expede correspondências” (1993, p.149).

Uma das mais antigas e longas batalhas da humanidade foi a busca por formas de comunicação. Desde os primórdios, o homem sempre sentiu necessidade de transmitir e receber informações. O “homo sapiens” registrava nas cavernas assuntos do cotidiano e buscava maneiras de se expressar. Acredita-se que esses ‘artistas’, que também desenvolviam utensílios necessários à sua arte de representar, tinham uma linguagem que pode ser definida conforme Alberto Rabaça, no “Dicionário de comunicação”: como recursos usados pelo homem para se comunicar: “Qualquer sistema de signos (não só vocais ou escritos, como também visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc.) capaz de servir à comunicação entre os indivíduos. A linguagem articulada é apenas um desses sistemas.” (RABAÇA, 1995, 363).

A linguagem pode ser entendida como a capacidade de traduzir em idéias os fatos que fazem parte da vida cotidiana, estabelecendo vínculos no tempo e representando as relações que os homens mantêm entre si. “Aliás, supõe-se que os neandertalenses já deveriam contar com alguma forma de linguagem, e isso algumas dezenas de milhares de anos antes do homo sapiens e sua arte gráfica”. (GIOVANNINI, 1987, p.26).

Embora sejam várias as teorias que tentam explicar a origem da linguagem, podemos dizer que ela foi o primeiro meio de comunicação efetivo da humanidade. Para Marshall McLuhan (1998), “o meio é a mensagem” e é sempre o prolongamento de um sentido ou de uma faculdade humana (o instrumento prolonga a mão, o vestuário prolonga a pele, o livro prolonga os órgãos da visão). Ele explica que a atuação dos meios de comunicação é fator fundamental ao processo histórico da humanidade. Segundo McLuhan, “as sociedades sempre foram muito mais remodeladas pela natureza dos meios através dos quais os homens se comunicam do que pelo conteúdos da comunicação”.

Os estudiosos, de modo geral, desconhecem a evolução da linguagem, mas se acredita que por volta de 6.000 a 3.000 a.C., na chamada ‘revolução neolítica’, quando o homem deixa de ser somente caçador e passa a ser agricultor e criador, grandes



modificações nas formas de comunicação tenham ocorrido. Essa evolução traz como consequência primeira, a necessidade de viver coletivamente e por um maior tempo no mesmo local. Posteriormente, entre 5.000 e 4.000 a.C. os sumérios - que aqui, refere-se aos “povos de origem desconhecida, que viviam na região correspondente ao atual Iraque Meridional, entre os Rio Tigre e Eufrates” (GIOVANNINI, 1987, p.28) desenvolvem a escrita.

“A passagem da tradição oral para a tradição escrita comporta uma mudança radical no tipo de mensagem transmitida: esta já não é mais dependente de quem a envia e da discricção de quem a recebe, porém fica à disposição de qualquer pessoa que a deseje ler. Pode ser relida, meditada, analisada; adquire, portanto, durabilidade, profundidade e clareza”. (GIOVANNINI, 1987, p. 28).

O desenvolvimento da comunicação oral e posteriormente o surgimento da escrita “possibilitou àqueles nossos ancestrais pensar abstratamente e iniciar uma complexa cultura humana”. (PENIN, 1989, p. 59). As formas de comunicação caminharam num ritmo acelerado. A escrita modificou nossa existência. “A história é testemunha do efeito cataclísmico que tiveram sobre a sociedade as invenções de novos meios de transmissão de informações entre as pessoas. Disso são exemplos o desenvolvimento da escrita e, mais tarde, o da imprensa”. (EISENSTEIN, 1998, p.17).

Todavia, há que se enfatizar que não nos dedicaremos a esgotar o assunto a respeito das formas de comunicação humana, mas mostrar que apesar dessas mudanças nos sistemas comunicacionais – desde gestos e inscrições na pedra, da escrita à imprensa e à Internet - a comunicação define-se como a única forma de sobrevivência social e como o próprio fundamento da existência humana.

### **Itinerário do correio**

Apesar da importância muitas vezes atribuída a Johann Gutenberg (c. 1400-68), em quem os leitores do jornal inglês Sunday Times, de 28 de novembro de 1999, votaram como o “homem do milênio”, não há evidência ou marco do começo da história. Por esta razão, voltamos ao tempo até os mundo antigo ou medieval já que alguns fenômenos da mídia são mais antigos do que em geral se imagina, como é o caso dos sistemas de correio. Ao identificar as mudanças nas formas de comunicação, comparando o processo de transmissão e recepção de mensagens entre o correio antigo e o atual correio eletrônico, procuramos evitar dois perigos: o de afirmar que tudo



piorou ou admitir que houve um progresso contínuo. Assim, tentamos rejeitar o determinismo tecnológico baseado em simplificações enganosas.

O itinerário do correio começa na Antigüidade com os vários povos que integraram impérios. Encontramos eficientes sistemas de correspondências nos impérios egípcio, chinês, persa e romano.

Referências do remoto ano de 2400 antes de Cristo atestam a existência, nessa época, da profissão de mensageiro no Egito. Há representações murais que retratam tal atividade, principalmente nos períodos em que os egípcios mais estenderam geograficamente seu poder político.

Não menos antigos são os registros do correio na China. Segundo conta o viajante veneziano Marco Pólo, em seu “O Livro das Maravilhas” (século XIII, p. 62), havia estradas que cortavam em todas as direções as províncias do império chinês e ao longo delas distribuíam-se, de vinte e cinco em vinte e cinco milhas, casas postais muito bem aparelhadas.

Também muito organizado foi o correio dos persas. Xenofonte ressalta que o correio persa operava com rapidez máxima possível na época: a velocidade de um cavalo correndo.

Como o chinês, o correio persa era servido por casas postais, ou estalagens, distanciadas de 25 a 35 quilômetros com igual presteza em qualquer parte do Império. Levado à máxima organização sob o imperador Ciro II (558-530 a.C.), o correio ainda se mantinha vivo e atuante em 562 depois de Cristo, quando Justiniano I, imperador romano de Bizâncio, passou a utilizá-lo por tratado firmado com a dinastia Sassânida.

No entanto, nenhum correio da Antigüidade superou a infra-estrutura dos romanos que sempre se preocuparam com vias de comunicação. Com o crescimento do Império, estradas calçadas com pedras foram abertas. A mais lembrada é a Via Ápia, mandada construir pelo Cônsul Ápio Cláudio em 312 a.C. e pavimentada nove anos depois. Por essas vias militares e públicas (“vie militares et publicae”) marcharam os soldados, os centuriões e os generais conquistadores, sucedidos, depois de consolidada a conquista, pelos administradores provinciais, que no exercício do cargo mantinham-se informados das ordens de Roma por meio de outros usuários das estradas: os “statores” (segundo Cícero, o “stator” era o correio às ordens do magistrado), em geral chamados “cursores”, mensageiros encarregados da correspondência do governo. Essa mesma rede viária serviu aos cidadãos comuns que trocavam cartas pagando os serviços de estafetas



organizados em corporações civis, as corporações dos “tabellarii”, verdadeiras empresas particulares de correios.

A partir da experiência cultivada nas “viae publicae” assentou-se o “Cursus Publicus”, um complexo sistema público de correio, inspirado no modelo persa e instituído por Júlio César em 63 a.C., e depois levado à máxima eficiência pelo imperador Augusto.

Ao longo das estradas, construía-se pontos de apoio conhecidos pelo nome de “mansio”. Cada uma dessas “mansio” contava com cerca de 40 cavalos e grande quantidade de asnos e bois, dezenas de funcionários (“carpentari”), estribeiros (“statores”), condutores de bestas (“mulii”), veterinário (“mulomedicus”), guardas (“apparitores”) e serviçais de todo tipo. A “mansio” era formada por várias edificações: estrebarias, armazéns, escritório administrativo, oficinas, residências para o pessoal fixo, hospedaria e às vezes, até um palácio. Entre uma “mansio” e outra, a distâncias curtas, podiam ser encontradas casas de muda, as “mutationes” onde o cavaleiro fazia a substituição do animal.

O “Cursus Publicus” não era apenas um correio no sentido moderno e usual da palavra, mas um conjunto completo de serviços de transporte de correspondências, de objetos e pessoas. (Quando um cidadão romano era designado para governar uma província, recebia junto com a nomeação uma “evectio” - que era um passe oficial que garantia seu transporte pessoal, o de sua família e escravos, de seus móveis e quaisquer outros pertences, desde Roma até o destino, tudo por conta e encargo do “Cursus Publicus”).

Chefiadas por um patrício, ou seja, um cidadão romano originário das mais antigas famílias de Roma, as “mansiones” estavam capacitadas a abrigar desde o mensageiro do Império até o próprio Imperador. O sistema era mantido financeiramente, ora pelo erário público, ora pelas populações locais. Neste caso, os habitantes da região eram obrigados a pagar impostos ao “manceps”, o patrício detentor da “mansio”, que, às vezes, cobrava uma alta quantia tributária.

Essa rede de comunicações expandiu-se junto com o Império e chegou a cobrir, na época do Imperador Septímio Severo (193-211 d.C.), cerca de 80.000 quilômetros de vias.

Justamente pela importância de sua função, os mensageiros reais gozaram de elevado “status” e foram submetidos à hierarquia militar. O cargo que Dario III ocupou



imediatamente antes de tornar-se imperador, em 336 a.C., foi o chefe dos correios da Pérsia. Quem chefiava o correio, sem dúvida, tinha o império nas mãos.

Heródoto nos mostra a relevância estratégica do correio antigo ao lembrar que a derrota do imperador Xerxes I (519-465 a.C.) vencido pelos gregos em Salamina tornou-se conhecida com rapidez em todo o mundo persa por meio dos velozes cavalos do correio.

Embora as cidades gregas apresentem alguns andarilhos, às vezes, até contratados para levar as comunicações oficiais, a civilização grega não organizou um correio. Como não formaram um império não tinham um centro de poder político que justificasse a manutenção desse dispendioso instrumento de governo. É o caso de Fidípedes, o lendário herói que correu mais de 40 km da planície de Maratona até Atenas para noticiar a vitória grega (490 a.C.) sobre Dario I. Deu a notícia e caiu morto por não tomar fôlego durante o percurso. Se na Grécia houvesse um sistema de correio, Fidípedes teria corrido apenas alguns quilômetros e então seria substituído por outro carregador e este por outro, e assim até o final do trajeto. A notícia chegaria ao destino com a velocidade de um homem continuamente correndo e todos os corredores permaneceriam vivos.

De acordo com o historiador Cornélio Nepos, há o improvável caso de outro corredor que correu 250 quilômetros em um dia e uma noite, de Atenas à Lacedemônia, para dar notícia da invasão persa. A respeito de Filônides, exageraram ainda mais: teria corrido 240 quilômetros em 9 horas! O corredor Ladas, porém, superou a todos. Era um pássaro, segundo diziam, de tão rápido nem deixava pegadas na areia.

Os historiadores, de modo geral, desconhecem a existência de um correio organizado na Grécia mas afirmam que entre os gregos existiram notáveis andarilhos que levaram relevantes notícias. Assim, a comunicação de notícias por meio de mensageiros contribuía para constituir e formalizar a comunidade grega.

O estudo da história das civilizações evidencia uma íntima relação entre a existência de sistemas comunicacionais e o auge do desenvolvimento social. Dentre outros estudiosos, os canadenses Harold Adams Innis e Marshall McLuhan realizaram estudos nessa direção.

## **Os correios na Europa**



Por volta do século XVII, subsistem dois sistemas postais: o “do príncipe”, dentro do reino, e o particular, principalmente da família dos Tassos, para as correspondências internacionais. Mais tarde, os governos europeus mantêm a integração internacional e retiram dos particulares, inclusive dos Tassos, o direito de transportar cartas. Por meio de tratados e convenções coletivas elevam o correio a categoria de atividade pública de caráter internacional.

Nesse período, o espírito do correio moderno já tinha se moldado definitivamente. Criado para servir aos particulares, não seria mais como o correio da Antigüidade - que não passava de um mero instrumento de governo. Daí em diante, o correio torna-se estatal e também a serviço dos particulares. Assim, o êxito dos Tassos e de outros organizadores de sistemas de correio foi reflexo de um profundo anseio de comunicação entre homens que necessitavam de informações atualizadas. O comércio, a diplomacia e a nobreza careciam de notícias (desde a morte de um duque, o casamento de um nobre à distribuição dos convidados à mesa do rei).

Também os artistas e os intelectuais encontraram no correio um meio eficaz para se inteirarem da evolução das artes, da filosofia e das ciências. Não é por acaso que o surgimento do correio europeu tenha coincidido com o período do Renascimento. Incluem nas artes plásticas dessa época homens do porte de: Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475-1564), Rafael (1483-1520), Botticelli (1445-1510), Mantegna (1431-1506), Bellini (1430-1516), Giorgione (1477-1510), Tiziano (1488-1576), Dürer (1471-1528), Cranach (1472-1553), Holbein (1465-1524). Nas letras, marcam presença Erasmo de Rotterdam (1466-1536), Rabelais (1495-1553), Montaigne (1533-1592), Ariosto (1474-1533), Machiavelli (1469-1527), Torquato Tasso (1544-1595). Nas contendas religiosas, desdobram-se a Reforma e a Contra-Reforma com Melanchton (1497-1560), Lutero (1483-1546), Zwingli (1484-1531), Calvino (1509-1564), Inácio de Loiola (1491-1556). Da ciência, basta lembrar Copérnico (1473-1543), Giordano Bruno (1548-1600) e Galileo Galilei (1564-1642). Todos esses e muitos outros nomes históricos marcaram a época do Renascimento ao buscarem conhecimentos, descobertas, informações e até “mexericos”. O correio atendeu uma vez mais a necessidade de comunicação e contribuiu para que os renascentistas se tornassem homens muito bem informados.

Como não existia outros meios de comunicação – eles não dispunham de telégrafos, rádio, tv, internet, etc. – era através da carta que se dava o intercâmbio de notícias. Assim, surgiram os correspondentes que transformaram o ato de escrever



cartas em atividade profissional. Eles escreviam cartas longas, minuciosas e de cunho informativo. Dotados de notável faro jornalístico, não deixavam escapar nada, nenhum evento significativo, nenhum comentário. Sabiam de tudo e fuçavam em toda parte. Assistiam ao girar do mundo, sentados na primeira fila. Desnudavam até os discretos cochichos palacianos. Um acervo de preciosidades que remetiam por meio de cartas a quem lhes pagasse ou promettesse pagar podia ser chefes de governo, nobres de todos os quilates, casas bancárias, comerciantes, grandes senhores ou humanistas. Trocavam também permutas com outros correspondentes em troca de informações. Vários desses coletores de notícias – repórteres, diríamos hoje – ocupavam posição privilegiada e sabiam tirar proveito das relações e vias de acesso propiciadas pela atividade. Inúmeras novidades e notícias fizeram circular pela Europa do século XV ao século XVIII. As cartas podem ser consideradas as primeiras sementes jornalísticas.

Segundo pesquisadores, Giustanini, representante de Veneza em Roma, escreveu 349 cartas apenas no ano de 1505. Muitos correspondentes informavam várias pessoas ao mesmo tempo como Luís Halver, de Brunnschwic que era a agente das cortes Bávara, Imperial e de Roma. Nicolau Cláudio Fabri de Peiresc que servia a quarenta destinatários por dia, recebeu o troco de tão prodigiosa atividade pois em seu espólio contaram-se cerca de 10.000 cartas. Alguns desses noticiaristas montaram escritórios de correspondência, como Hans Zeidler, agente do príncipe da Saxônia que montou o “Serviço de Praga” no qual empregava redatores de notícias, sendo um dos primeiros pais das modernas agências de notícias. Coleções de cartas foram até reunidas em livro, como as do panfletário italiano Pietro Aretino (1492-1556). Como gênero literário também, a epistolografia alcançou nesta época um de seus mais brilhantes momentos, segundo atestam em alto estilo as cartas de Madame Sévigné (1626-1696).

Os correspondentes também enfrentavam dificuldades e arriscavam a própria vida para levar a notícia ao seu destinatário. Os chefes de correio da época não eram de confiança já que abriam as cartas para conhecer a mensagem escrita. Os chamados “gabinetes negros” ficaram famosos porque além de violar o conteúdo postal, desenvolviam a técnica de recompor lacres para dissimular a violação. Uma técnica tão sofisticada que se passava de pai para filho. Como no caso dos Tassos, não deixavam escapar, sem aviso, nada que pudesse ser prejudicial à dinastia dos Habsburgo e para ter acesso garantido ao conteúdo das cartas sempre tinham em cada início ou fim de linha um membro da família na função de chefe de correio, pois só este oficial poderia abrir ou fechar a mala postal na chegada e na partida dos mensageiros.



Apesar dos riscos, muitos correspondentes foram caloteados e forçados a implorar, sem nenhum êxito, o pagamento pela atividade exercida. A estes, só fez justiça a História que os coloca como pais do jornalismo moderno. Nesse sentido, são justas as palavras escritas por Carlos Rizzini em meados do século XX:

“As cartas particulares dos séculos XVI, XVII e XVIII possuem maior conteúdo jornalístico, no sentido informativo, do que a maioria das folhas de hoje e deixam a perder de vista as primeiras gazetas impressas sob a égide dos governos e por isso votadas ao noticiário deformado e gratulatório”.  
(in “O livro, o jornal e a tipografia no Brasil”, Livraria Kosmos Ed., R.J., 1946, pág. 47).

Na carta se pressentia o jornal, como na nuvem já se adivinha a chuva. Era costume circular a carta de mão em mão e depois de lida passava a ser reproduzida pelo “boca a boca” entre os comerciantes, os políticos aliados, os doutos, cada grupo em seu ambiente. As recebidas por alguém serviam de intercâmbio a outros. Nessa época, ler carta era um ato público. A correspondência recente virava pretexto para um encontro nos salões ou nas “tavernas”. O conteúdo de cada uma, na sucessão das leituras, servia a inúmeros destinatários.

A carta tornou-se, assim, o elo de união entre os homens e a abundância de correspondência redundou no surgimento espontâneo da gazeta manuscrita, isto é, do jornal feito à mão. Nos principais centros europeus, algumas pessoas começaram a reunir esse noticiário variado em um texto único e tiravam cópias manuscritas para vender. Como consumidores não faltavam, elas foram sendo produzidas continuamente. A regularidade dos correios que traziam as informações permitiu que essas publicações – que podemos chamar de gazetas – circulassem em dias certos o que levou os “leitores” a acostumarem com a sua periodicidade.

Este breve histórico do sistema de correios mostra a importância da carta entre as primeiras formas de comunicação humana e permiti entendermos a sua influência na história dos meios de comunicação. O jornal impresso surgiu um século e meio depois de Gutenberg e por isso, ele não é apenas filho da tipografia mas dessa experiência desenvolvida durante esse transcurso de tempo. Afinal, os periódicos tipografados precisaram antes de uma formação jornalística que tem sua raiz na implantação das linhas de correio.

Apesar de não assinaladas neste artigo, podem ser enumerados, sem um ordenamento hierárquico, outros sistemas de correio, que servem como indicadores para pensar o lugar ocupado por esta forma de comunicação na história social e de sua



conexão com a contemporaneidade. Não parece ser mera coincidência a recorrência a expressões como correio eletrônico, correspondências, mensagens e caixas postais eletrônicas.

## **A Internet**

Segundo, Costella (1984), do casamento entre a comunicação eletrônica e o computador resultou uma filha, a Internet.

Também conhecida como a “grande rede” por ser o maior espaço de circulação de informações via computador, a definição mais popularizada do que é a Internet seria a de “rede mundial de computadores”. Pedro Doria comenta em seu livro *Manual para Internet*: “Digamos que é um banco de dados ao qual estamos sempre incluindo mais informação. E tendo acesso à Internet, temos acesso a parte – grande ou pequena – desse banco de dados. É quase isso”. (1995, p.33).

O correio eletrônico é uma das mais populares aplicações da Internet. Segundo o *Dicionário de Comunicação da Microsoft Press*, o e-mail (eletronic mail), consiste em “mensagens carregadas eletronicamente de computador para computador” (1992, p.50). Foi a primeira aplicação surgida na Internet com o objetivo de facilitar a comunicação e a troca de idéias e observações entre o grupo de acadêmicos que estava construindo e experimentando a Internet. Os documentos mais antigos da comunidade eram distribuídos via correio tradicional, eram portanto pouco ágeis e apresentavam conjuntos de idéias desenvolvidas por pesquisadores de um determinado lugar para o resto da comunidade. Depois que o e-mail começou a ser utilizado, a velocidade da comunicação e o padrão de autoria dos trabalhos mudaram. Os documentos passaram a ser apresentados por co-autores com uma visão comum, independentemente de suas localizações. A capacidade e a velocidade de envio da mensagem e da resposta à comunicação aumentaram exponencialmente.

O correio eletrônico é um tipo de correio disponível pela Internet que utiliza uma caixa postal eletrônica simbolizada por um endereço do tipo **seunome@nomedoseuprovedor.com.br**. Esta caixa postal eletrônica tem o mesmo conceito da caixa postal tradicional: com o endereço da caixa postal do destinatário, qualquer pessoa poderá enviar uma mensagem eletrônica. As mensagens enviadas ficam armazenadas nos servidores de e-mail do provedor até a hora em que se acesse a Internet e dê o comando para recebê-las no microcomputador.



A coluna “*As Últimas do Caderno Informática, do Jornal O Globo de 26 de dezembro de 1996*”, divulgou que 500 milhões de mensagens do correio eletrônico circulavam diariamente pela Internet. Um número - que com a popularização da Internet em todo o mundo - aumentou desde então. Um dos adágios da era ciberespacial é que “o homem é o produto do e-mail”. Produto de suas comunicações, de suas convenções e de seus usos de linguagem.

### **Estudo de caso**

Um fato curioso nos chama a atenção durante o desenvolvimento deste trabalho: a existência do “Correio Gaudino” na pequena cidade de Porteirinha. Ao falarmos de correios, não poderíamos deixar de registrar este dado que confirma a importância da carta manuscrita no processo de transmissão e recepção de mensagens. Percebemos também como o correio, seja em sua versão mais antiga ou as linhas regulares do correio tradicional, desempenhou papel de destaque na história da comunicação. Na maioria das vezes, só ressaltamos o telégrafo, o rádio, o cinema, a televisão e a Internet e deixamos no esquecimento ou na insignificância meios que supriram durante muito tempo o anseio das pessoas de se comunicarem.

Embora permaneçam os serviços regulares de correio, esse meio de comunicação se atualizou nas caixas postais eletrônicas, mas o que mudou foi a tecnologia, o objetivo comunicacional e a popularidade parecem persistir.

É interessante focar que pessoas como o sr. Osmar Santos Silva e sra. Maria da Glória Silva são - de um período não muito antigo - mas em que a carta era indispensável. Estamos falando da época da 2ª Guerra Mundial, quando funcionava no povoado de Porteirinha, distrito do município de Grão Mogol, no Norte de Minas Gerais, o correio “Gaudino”.

A explicação é simples: cinquenta anos de idade, magro, alto, da raça negra, Gaudino levava a pé as correspondências até Grão Mogol. Caminhava cerca de 50Km com uma mochila de pano (costurada pela esposa) nas costas. Pai de família, sério e confiável, a Prefeitura local o remunerava para fazer o serviço de correio na região. Naquela época, o meio de comunicação era a carta e o nome do correio: “Gaudino”.

O mensageiro dormia na beira das estradas onde também fazia suas refeições. No bolsão de pano, também levava feijão, osso de gado (com sal para dar sabor e não



estragar ), farinha e rapadura, além do velho caldeirão. Pelo caminho cortava lenha e fazia uma espécie de fogueira para cozer os alimentos.

Cartas variadas, telegramas, notícias, documentos, ofícios e comunicados eram transportados pelo “correio Gaudino”. A viagem durava dias e por isso os destinatários demoravam semanas e até meses para receber as correspondências. Devido a demora, as notícias chegavam muitas vezes, tarde de mais, como no caso de comunicado de falecimento. Quando as famílias recebiam as notícias de morte ou doença, os parentes já estavam sepultados. Um exemplo é a Dona Sebastiana que escrevia para o filho que morava fora, o Bembem, como era conhecido. Ao receber a carta da mãe que levou meses para chegar, Bembem resolveu visitá-la mas durante esse tempo ela falecera. Histórias como a de Dona Sebastiana eram comuns naquela época devido as dificuldades de comunicação.

O sr. Osmar Santos Silva lembra que o atraso das cartas era devido às limitações das viagens o que prejudicava tanto quem enviava como quem recebia. Segundo dona Maria da Glória, as pessoas sofriam muito com essa demora, mas ressalta que a carta naquele tempo atendia a necessidade das pessoas de transmitir e receber informações.

“A carta foi um importante meio para trocarmos mensagens com as pessoas, especialmente, com os nossos familiares. Gaudino representou por muitos anos nosso correio e até hoje lembramos daquele senhor que caminhava a pé, debaixo de chuva ou sol, frio ou calor, para levar nossas correspondências”. (Maria da Glória Silva, 2006).

Segundo contam, durante cinco anos o Sr. Gaudino fez esse percurso até a instalação da linha regular do Correio naquela região, na década de 50.

### **Considerações finais**

A carta tem a sua relevância da mesma forma que o e-mail veio atender a muitos usuários que buscavam rapidez e praticidade na troca de mensagens. Por isso, não pretendemos narrar vantagens ou desvantagens, mas sinalizar que a comunicação humana busca sempre superar barreiras no processo de transmissão e recepção de informações.

Contudo, seja na “Idade da Pedra”, na “Idade Média”, na “Idade Mídia” - termo emprestado do Antônio Rubim - ou no período de 1945 a 1950 na cidade de Porteirinha, podemos destacar que cada época tem suas características e um modo especial de concretizar os processos comunicacionais.



Enfim, o correio Gaudino pode parecer um fato isolado mas é um pedaço da história da comunicação social em contínua expansão.

Um dos grandes pensadores de nosso século, Marshall McLuhan também chamado de “filósofo da era eletrônica” ou “humanista da era da comunicação”, fala, em seu livro “Os Meios de Comunicação como extensões do homem – (understanding media)”, 1996, de tecnologias do passado e do presente ao explicar que os meios de comunicação afetam profundamente a vida física e mental do homem. Para McLuhan, as tecnologias como extensões do corpo e da inteligência humana, estão nos levando do mundo linear, aristotélico, tipográfico, mecânico – da Primeira Revolução Industrial – para o mundo tribalizado da Segunda Revolução Industrial: a “Era da informação” (Manuel Castells), em cujo limiar nos encontramos.

Ao analisarmos neste trabalho, o correio eletrônico e o correio tradicional, podemos considerar - partindo do pressuposto do Marshall McLuhan – que em termos da era eletrônica já se criou um ambiente totalmente novo. O conteúdo deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. Em outras palavras, o novo ambiente reprocessa o velho.

Por outro lado, cada meio tecnológico que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos. Os nossos sentidos humanos, de que os meios são extensões, configuram a consciência e experiência de cada um de nós.

### **Referências Bibliográficas**

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHARLAB, Sérgio. **Você e a Internet no Brasil**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.



COSTA, Ana Maria Nicolaci da. **Na Malha da rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998

COSTELLA, Antônio F. **Comunicação – do grito ao satélite**. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2002.

DIZARD JR., Wilson. **A Nova Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DORIA, Pedro R. **Manual para a Internet**. Rio de Janeiro, Revan, 1995.

MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michéle. **História das teorias da comunicação**. Portugal: Campo das Letras, 1995.

MCLUHAN, Marshal. **Os Meios de Comunicação como extensões do homem – (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 1996.

STRAUBHAAR, Joseph & LAROSE, Robert. **Comunicação, Mídia e Tecnologia**. São Paulo: Thomson, 2004.

THOMPSON, John. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.